

Brasil precisa captar mais US\$ 8 bi

JORNAL DE BRASÍLIA

22 AGO 1999

País ainda está na dependência de capitais de curto prazo para evitar pressões sobre a taxa de câmbio

O regime cambial mudou, mas o Brasil ainda depende de capitais de curto prazo para evitar as pressões sobre a taxa de câmbio e a vulnerabilidade às turbulências externas e internas. A dependência ficou clara nas últimas semanas, com os aumentos do valor do dólar e é explicada por três razões: o resultado da balança comercial ficará abaixo do que esperava o Governo no início do ano; a conta dos serviços financeiros, como juros e remessas de lucros, será elevada; e os pagamentos da dívida externa estão concentrados no curto prazo.

"Será preciso tomar pelo menos US\$ 8 bilhões no mercado externo até o fim do ano para cobrir vencimentos que não serão renovados", prevê Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central. O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, diz que o déficit das contas exter-

nas vai ser coberto por investimentos diretos.

No entanto, reconhece que o capital de curto prazo tem importância para evitar flutuações diárias excessivas. "Sempre que há possibilidade de arbitragem, em momentos de dificuldades internacionais, o capital de curto prazo exerce um papel estabilizador no dia-a-dia".

A análise da entrada de recursos no primeiro semestre mostra que, somente graças aos recursos de curto prazo, a taxa de câmbio, que chegou a R\$ 2,1 por dólar nas semanas seguintes à desvalorização, caiu para R\$ 1,65, no segundo trimestre do ano. A avaliação dos fluxos foi feita pelo economista Roberto Padovani, a partir dos dados oficiais. De janeiro a abril entraram US\$ 18,4 bilhões de recursos estáveis (exportações, investimento direto e transferências unilaterais) e só US\$ 2,85 bilhões em recursos de curto prazo (investimentos de portfólio e empréstimos).

Em março, o BC elevou os juros para 45% ao ano e reduziu de 180 para 90 dias o prazo mínimo de permanência de recursos externos no País. Com isso, a entrada de recursos de curto prazo aumentou para US\$ 11,3 bilhões,

enquanto a de longo, baixou para US\$ 16,3 bilhões. Já, a taxa de câmbio caiu.

Desde o início do segundo semestre, o atrativo para o dinheiro de curto prazo diminuiu, com queda dos juros, aumento de impostos sobre as aplicações (cobrança da CPMF e fim da isenção de IR para estrangeiros nas aplicações em fundos) e elevação da percepção de risco da América Latina. Com isso, o valor do dólar em relação ao real tem aumentado.

A entrada dos chamados recursos estáveis deve permanecer perto do que foi no primeiro semestre, segundo Padovani. Mas, de julho a setembro, a previsão de entrada de capital de curto prazo cai para US\$ 4,05 bilhões e de outubro a dezembro, US\$ 3,25 bilhões.

De acordo com as projeções da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, vencem este ano US\$ 45 bilhões em amortizações da dívida externa. O pagamento de juros, que no ano passado chegou a US\$ 12 bilhões, subirá para US\$ 18 bilhões este ano, segundo o BC. A soma dos dois compromissos é muito maior que todo o volume de exportações, que deve ficar em torno de US\$ 51 bilhões.



Amaury Bier: déficit externo deverá ser coberto com os investimentos diretos